

## A MEDICINA DO RISO\*

Edmon Neto de OLIVEIRA<sup>√</sup>

### RESUMO

Este artigo percorre alguns escritos e performances do semiólogo, teórico da arte, escritor e artista Roberto Corrêa dos Santos. Partimos da palestra **Uma vida de artista**, proferida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-RIO, em 2012. Além da palestra, analisam-se fragmentos do livro **Cérebro Brasil / Cérebro Ocidente** (2015) por meio de visão interventiva, na qual o escrutínio acadêmico é influenciado pelo pensamento crítico e poético. Dialogamos, também, com postagens de redes sociais, cujo conteúdo perpassa a atuação de Corrêa dos Santos em vários suportes.

**Palavras-chave:** Arte. Performance. Poesia. Pensamento. Roberto Corrêa dos Santos.

*Não escrevo para pessoa alguma  
ou para mim,  
escrevo para a escrita;  
fizesse um bolo estando sozinho,  
faria-o para o próprio bolo:  
um bolo que se faz apenas para ele,  
o bolo;  
para isso, para seu existir.*

( Postagem no Facebook, 2 de agosto de 2017)

---

\* Artigo recebido em 24/10/2020 e aprovado em 28/11/2020.

<sup>√</sup> Doutor em Letras – Estudos literários pela UFJF e professor do Programa de Mestrado em Literatura brasileira do Centro Universitário Academia (UniAcademia).  
<edmonoliveira@uniacademia.edu.br>

O corpo sentado à mesa agradece três vezes. Dá um gole numa lata de coca-cola zero, põe os óculos, pigarreja, respira: “avisaram-me que esta era uma *piccola* conferência, então eu vou tentar, dentro dos limites de meia hora ou um pouco mais, pontuar uma série de coisas que circunscrevem esse título de que falarei logo de início”<sup>1</sup>. **Uma vida de artista**, título anunciado na Conferência de encerramento de atividades acadêmicas<sup>2</sup>, poderia ser de um romance romântico, conforme esse homem, senhor de todos os seus movimentos. A ideia desse título surge pelo modo como ele tem vivido a vida, sobretudo “nos últimos anos de velhice, que são alguns” – ele esboça um sorriso.

Roberto Corrêa dos Santos afirma que, desde muito tempo, lhe é muito claro que ele vive uma vida de artista. No campo das artes pode parecer algo muito simples, “mas de alcance muito inquieto e muito difícil de abarcar”, ele explica. Para um espectador desavisado, esse início de fala pode dar a entender que se trata de uma outra faceta ligada à ideia de uma vida de artista, mas o palestrante desdobra a afirmação, que inaugura a sua fala, da seguinte maneira:

Significa que tendo escolhido esta camisa, esta é uma camisa de artista. Tendo eu escolhido esses óculos, esses são óculos de artista. Quando dei aula hoje pela manhã, aquele trabalho era trabalho de artista. Quando voltei para casa e tentei descansar alguns segundos, antes de tentar escrever as estruturas que aqui fiz, essa tentativa de escrever e o deitar eram atos de artista.

Logo, o que acontece nesse recinto de pesquisadores e estudantes exige o reconhecimento de que estamos muito menos diante de uma palestra convencional do que diante de uma performance ou de uma peça. Essa performance de Roberto Corrêa dos Santos nos leva a acionar a intuição ao pensar em práticas pedagógicas perpassadas por gestos artísticos. Esse caminho é explorado pela filosofia da diferença, cujos conceitos e éticas

---

<sup>1</sup> As falas utilizadas neste texto foram transcritas do vídeo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=omZpVfiOV0c&ab\\_channel=JorgeLima](https://www.youtube.com/watch?v=omZpVfiOV0c&ab_channel=JorgeLima) Acesso em: 24 nov. 2020.

<sup>2</sup> Evento promovido pelo corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-RIO (2012).

constam de estudos que acolhem as faculdades e as inteligências artísticas como princípio fundamental.

Programas de pós-graduação em Letras são, cada vez mais, atravessados pelas pesquisas de vieses transdisciplinares e transmidiáticos, e esse interesse é evidente na criação de linhas de pesquisas nas quais o estudo da literatura não seja exclusivamente o estudo de textos escritos. A tese de Sávio Damato Mendes (2019), **Acontecimento**: a aula como obra de arte, que desenvolve com fôlego o assunto, assim como o trabalho de Rodeghiero e Rodrigues (2020), baseado no conceito de **artistagem docente** de Sandra Mara Corazza (2013), são dois exemplos para ficarmos na sugestão enxuta, embora expressiva.

Mas voltemos à palestra na PUC-Rio, por um instante, assistida pelo Youtube. Em certa linha da teoria da performance, assistir a uma ação gravada e reproduzida já nem é mais performance. A tentativa de destruir as fronteiras entre artista e público, por sua vez, é empreendimento já conhecido da arte moderna, de Brecht à Marvel. Os *Happenings* continuaram a inventar novos modos de se instalar nas situações sociais com inspiração primeira, e sempre, em Marcel Duchamp. A obra como transposição da lacuna existente entre a arte moderna e a vida cotidiana ou, se preferirem, toda uma noite com Manuel Bandeira.

Em vez de uma arte de autoexpressão, que supervaloriza o indivíduo, uma arte interessada no mundo e nos temas a ele inerentes; uma arte interessada em habitar melhor esse mundo. E como nem sempre os temas nos quais o homem está envolvido passa pelo confortável dessa vida, a arte, que está sendo chamada de “uma vida de artista”, assume um caráter de clínica<sup>3</sup>, onde se pode inclusive concentrar a dor cotidiana. Brígida Baltar, Marina Abramovic e Ana Mendieta, citadas por Corrêa dos Santos, estabeleceriam essa relação limítrofe entre arte e vida no interior de suas clínicas particulares.

Além disso, tudo o que fora dito até hoje sobre Clarice Lispector por Roberto Corrêa dos Santos merece ser lido, como **Clarice Lispector** (1987) e **O livro fúcsia de Clarice Lispector** (2001), sendo que este último, para o teórico Alberto Pucheu (2012, p. 35), integra um grupo de cerca de 20 livros

---

<sup>3</sup> Para Deleuze, a linguagem em estado de delírio exemplifica a ideia de clínica (cf. **Crítica e Clínica**, 2011).

que realizam uma demanda de escrita nomeada “ensaio teórico-crítico-experimental”. Para os numerosos leitores da escritora, é possível perceber tensão e intenção secretamente clariceana no que é dito nesta fala que aqui transcrevo:

O decidir tornar-se artista e de algum modo tornar-se a obra e não ser mais senhor de si. Ser a coisa que erra, que se move e que considera que cada ato é de uma plenitude ardorosa: abrir a geladeira, preparar o suco, levar o café, o pó do café, a maquinazinha italiana, aquecer o café, tomar gole a gole o café, digitar alguma coisa, abrir um livro, fechar um livro, abrir uma porta, fechar uma porta; tudo isso um movimento amplo de artista.

Trata-se de peça que se permite ao riso. É, antes de tudo, uma performance de humor. Corrêa dos Santos escreve livros de artista, de poesia e de crítica. Também edições convencionais, como **Modos de saber, modos de adoecer** (2003), livro lançado pela editora da UFMG. Suas aparições em público, como a performance no Cep 20.000, **Cantos divinos**<sup>4</sup> (2014), dão a dimensão voco-corporal de sua presença. E na ausência de apresentações mais ou menos protocolares, ele mesmo o faz em sua página do Facebook em 4 de agosto de 2017:

Desculpem-me incomodar o sossego de vocês. Meu nome é Ninguém. Sou doutor e pós-doutor pela NYU. Falo bem francês, inglês, italiano, espanhol e algo da língua portuguesa do Brasil e com facilidade traduzo do latim, do grego e do alemão. Trabalho na UERJ e estou sem nada em casa para comer. Não duvidem de mim. Não fossem as crianças lá de casa eu mesmo aceitaria morrer de fome e frio já que depois do despejo estamos na rua. Ó gente de boa-vontade, conto com sua ajuda e caso queiram posso recitar no original todo Homero.

Mesmo que o teor da escrita de Corrêa dos Santos quase nunca esteja atravessado por afetos tristes, essa apresentação traz consigo um efeito da crise que se abateu sobre a Universidade Estadual do Rio de Janeiro no ano de 2017, que atingiu os professores de modo estarrecedor. Interpretada à época como plano-piloto de um projeto maior de desvalorização das universidades públicas brasileiras, essa hipótese sustenta-se no levantamento

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ugOHi7W3D-U&t=424s> Acesso 12 de out. 2020.

das notícias dos últimos anos, com a retrospectiva que vai do Golpe de 2016 até a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, sucedida de cortes orçamentários e políticas econômicas neoliberais, típicas da década de 1990.

\*

“Há um sentido dúbio de levar uma vida de artista”, diz Roberto, sob olhares vigilantes. “Ele leva uma vida de artista” porque não trabalha, só se diverte, só vive na ordem do prazer. Ou “ele leva uma vida de artista”, diz alguém até mesmo com certa inveja, porque ele tem uma luz que é só dele. Já o verbo “levar” em “levar uma vida de artista” remete à sombra de algum peso; um camelo no deserto. Caso fosse “ele tem uma vida de artista”, o verbo “ter”, de possuir uma vida de artista, ser proprietário dela, passa por uma admiração, ou também pela inveja, pela recriminação, pela vingança de alguém que fala: “ele tem uma vida de artista”. Corrêa dos Santos entende uma vida de artista sem os verbos **ter** e **levar**, mas uma vida de artista como uma força nominal, como se todos pudessem agarrar a vida de artista e conduzir-se nessa embarcação. A vida de artista não é, pois, uma vida de ególatra, já que, sem a legitimação dos parâmetros das artes e do ser artista convencional, trata-se, ao contrário, do apagamento do indivíduo.

Quanto mais se está em uma vida de artista, mais se despersonaliza, mais não se é, mas a-subjetiva é a sua força. Ela está aberta à dispersão, disposta a abrir uma coisa e fechar uma coisa. Não há ideia do fracasso, mas do movimento. No artista tudo é obra. Uma vida de artista que não tem uma gente, uma identidade, mas tem um sopro.

Nesse momento há um silêncio retumbante na plateia. A concepção de Corrêa dos Santos é de uma radicalidade que então esvazia a exacerbação do individualismo nas artes, mas que se abre para um pensamento que se põe em doação ao estar no mundo para poder concebê-lo de maneira mais livre. E para isso, não dá mais para Narciso. Evidentemente, essa atitude não é fácil, já que a obsessão filia-se muito mais ao que escraviza – o que não significa que a obsessão não seja parte da vida dos artistas e seja, inclusive, nela, frequente; mas porque o pensamento, fora da alçada que o vincula ao

filosófico, pode ser capaz de convocar livremente outros corpos a se encontrarem nos afetos, criando subjetividades, individualidades, lugares, diferenças.

No seu livro **Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil** (2015), o crítico-artista defende certa circularidade e retorno de ideias a serem construídas em eterno “resolver-gambiarrando: o rir e o rir, o não recuar-se a, um aparelho a fazer erguer-se e proliferar e expandir, em força aguda, penúrias. Arquivos próprios, currículos implícitos, bibliotecas vocais: etc etc etc” (CORRÊA DOS SANTOS, 2015, p. 26). Acatar o nosso jeitinho não mais como demérito, mesmo que se exija o compromisso e a responsabilidade, ambos com rigor.

Uma das lições que Roberto Corrêa dos Santos tira de **Elogio da loucura**, de Erasmo, envolve abordar o humor também como caso de clínica: “Por meio da medicina do riso, há de se quebrar a rigidez daquelas figuras sempre demasiadamente ‘sérias’, aprisionadas a caracteres fixos, a leis imutáveis, a crenças de verdade, a servilismos congelantes” (CORRÊA DOS SANTOS, 2015, p. 33). A surpresa disso tudo estaria, como na medicina do riso e como em Erasmo, na supressão da sisudez e da exibição vulgar de erudições não requisitadas, na constatação de que, mesmo na busca pela alegria dos que não sabem e descobrem, para lembrar também Oswald de Andrade (2011) antropofágico – “A alegria é a prova dos nove” –, jamais se desejaria beber com um homem que se lembrasse de tudo.

Porém, como a experiência que gera o Cérebro-Brasil não é de fato o já feito, o consabido, mas um ato que requer o desconhecer ou o trilhar caminhos nem sempre aprazíveis, muitas vezes o empreendimento que marca a medicina do riso não envolve o “Viver na saúde – no fora. No fora do mundo do núcleo” (CORRÊA DOS SANTOS, 2015, p. 95), como o autor escreve. É como se o corpo entupisse e paralisasse, ficasse sem saída, em cujo estágio, na clínica, fecham-se as bicas da poesia.

O Brasil pós golpe de 2016 atinge, como a muitos, Corrêa dos Santos. “ESTAR VIVO JÁ É GUERRILHA”, ele grita em caixa alta em 12 de agosto de 2017 em sua página pessoal. Surge, em suas publicações, o escancaramento de uma dor sentida pela situação brasileira, responsável pela inibição de potências vitais e criadoras. Há postagens contra o Brasil atual e contra o

silêncio testemunho da massa que foi às ruas pedir o impeachment de Dilma Rousseff, como a de 9 de setembro de 2017:

Não é possível que ninguém fale de alguns dos motores mais visíveis no comando da destruição das forças afirmativas do país: o moralismo rasteiro e coletivo, a ideia de homem de bem, a fantasia de juízes justos e corretos, o sonho de política virgem, a teatralidade ético-senil dos locutores de tv, o aprisionamento à hipnose religiosa advinda do repetir sem cessar quantidades de moedas afastadas propositalmente de suas anteriores destinações sociais concretas. Onde os anarcoartistapensadores nesta terra, onde?

Aqui, a afirmação criativa se dissipa em reação melancólica, na medida em que a produção artístico-poética em Roberto parece ser maculada pelo tom castrador da política nacional.

Ainda assim, essa vida de artista, a contrapelo da política ordinária, é levada a cabo por meio da escrita e por meio de performances que criam interconectividades, construtos lexicais que se repetem, porque precisam ser mastigados, digeridos, pensados novamente, ampliados, arejados. A medicina do riso é retomada em várias seções de **Cérebro-Brasil / Cérebro-Occidente** como construção de leves densidades.

Em “Saber contemporâneo. Vocabulário” (CORRÊA DOS SANTOS, p. 135-141), palavras e conceitos que aparecem em textos que apontam outras inflexões e sistemas semióticos. Aqui, o articulista não se contém e reescreve, remonta, apropria-se, rouba, interfere, rasura o que aparece como campo semântico de uma teoria contemporânea para as artes de modo geral, algo como um método – não aquele; este:

palavras que abraçam  
urdiduras

do efeito  
campo ativado de mordaz força  
crítica

que requer o deslocamento como  
troca alteração câmbio

que chamam o lugar  
habitado por tensões

que têm em si subjetividades  
como o estar agora diante do que é



a-  
subjetivo

movido pelo maquinal  
a executar espécies de campos  
de vitalizantes sinais

atingindo o transbordamento como  
coisa ato gesto  
que se inscrevem na borda de identidades  
falhas

como também o ampliado  
fora de registro firmado

a evocar horizontalidades  
aberturas expansão dos bens  
dos mares das terras dos desertos

a exigirem política  
solo quente das composições  
matéricas e afetivas de muitos entes

a verem o largo operar  
das várias moedas que constituem a vida

a chegar ao extremo  
escolha que demanda ter em conta  
a parede e ver o que dela fazer  
beijá-la  
furá-la

atitude  
como obra advinda de certo gesto em certo ato  
estado de vigor de existência

que demanda intensidade  
entrega ardorosa à força ao sopro

a convocar ação  
que se produz  
como sendo da natureza da palavra

dispositivo que  
aciona marca risca corta fende  
destina junto à capacidade expansora da palavra

fluxo  
filamentos que seguem muitas rotas  
vigores da palavra

dispersão  
movimento que já não pertence  
à história mas à palavra

geografia  
espacialidades mapas linhas corpos cartas  
regidos segundo as leis da palavra

dobra



onde o mutável dá-se lá no mover-se em ramagens  
nas sobras nos restos nos cúmulos  
sempre sempre compondo

partilhas redes ocupações nomadismos  
membranas contágios contatos camadas

As forças intensivas da escrita e das performances de Corrêa dos Santos aparecem de modo dramático nos circuitos da vida nos quais o artista está presente, mesmo que essas forças sejam eventualmente retiradas da caixa da vida de artista. A vida que se deseja afirmar, dançar e se esgarçar num bailado pelo mundo precisa dispor o corpo-mente na ordem e na desordem das pulsações que geram produção de singularidades cujos afetos sejam libertadores. É por isso que encontramos em Roberto Corrêa dos Santos aquele mesmo artista que se confunde com sua obra, já que ela é também fundida ao espectador que o observa. Difícil é escrever sobre Roberto Corrêa dos Santos sem sucumbir a sua ética.

Na PUC-Rio, a *piccola* conferência de Roberto Corrêa dos Santos termina como qualquer outra. Mas a força de suas palavras é capaz de arrastar aqueles que o estão ouvindo, atentos, perplexos. Ele tinha pedido a um homem da plateia para beijá-lo quando chegasse o momento de a conferência terminar. Todos riram. Ele disse que poderia ser um beijo de língua, um beijo afetuoso como no texto **Nossa casa sem paredes**, de André Monteiro (2017) – “aceita. aceita o amor à vida vinda; faz falta não fazer vida vir” (MONTEIRO, 2017, não paginado). Sua expressão amável e dócil inspira segurança, como se o domínio de todos os movimentos do corpo e a saúde da voz fosse algo simples de se alcançar. Que atividade física mantém aquela vitalidade? Que atividade intelectual retém e dispersa aquele sopro? Estar diante de Roberto Corrêa dos Santos é ser, portanto, permanentemente provocado a repensar tudo o que antes pensávamos ser arte; pensávamos poder ser vida.

## THE MEDICINE OF THE LAUGH

### ABSTRACT

This article covers some of the writings and performances from the semiologist, art theorist, writer and artist Roberto Corrêa dos Santos. We begin with the lecture **Uma vida de artista**, given under the Post-Graduate Program in Literature, Culture and Contemporaneity of the Languages Department at PUC-RIO, in 2012. In addition to the lecture, fragments of the book "Cérebro Brasil / Cérebro Ocidente" (2015) are analyzed through an interventionist vision, in which academic scrutiny is influenced by critical and poetic thinking. We also establish a dialogue with Corrêa dos Santos' social media posts, which content relates to the performance of Corrêa dos Santos in various media.

**Keywords:** Art. Performance. Poetry. Thought. Roberto Corrêa dos Santos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **A alegria é a prova dos nove**. Seleção, organização e apresentação de Luiz Ruffato. São Paulo: Globo, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcreve em educação?**. Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013. Cap.1, p. 17-40.

CORRÊA DOS SANTOS, Roberto. **Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil**. Arte-escrita-vida-pensamento-clínica – Tratos contemporâneos –. Rio de Janeiro: Editora Circuito: Faperj, 2015.

\_\_\_\_\_. **Clarice Lispector**. São Paulo: Atual Editora, 1987.

\_\_\_\_\_. **Modos de saber, modos de adoecer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **O livro fúcsia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Otti Editor. 2001.

DAMATO MENDES, Sávio. **Acontecimento**: a aula como obra de arte. Tese de doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

MONTEIRO, André. Nossa casa sem paredes. **Revista Cult**. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nossa-casa-sem-paredes/>. Acesso em: 13 jul. 2019.

PUCHEU, Alberto. **Roberto Corrêa dos Santos**: o poema contemporâneo enquanto o "ensaio teórico-crítico-experimental". Rio de Janeiro: Azougue, 2012.

RODEGHIERO, T., & RODRIGUES, C. **Obra-aula**: processos, procedimentos e criação de uma artistagem docente. Educação (UFSM), 45, e 63/ 1-22. 2020.